

AQUÉM DO SER, ALÉM DO FALSO (EM TORNO DO PROBLEMA DA LINGUAGEM EM PLATÃO)

Paulo Tarso Cabral de Medeiros*

Resumo

Percorrendo inicialmente a oposição socrática entre oralidade e escrita, passando pela distância que vai do sábio ao filósofo-escritor preocupado com os problemas da pólis, demarcando a reflexão sobre o ato de ver, e especificando o papel ético da linguagem na formação do cidadão grego, o artigo visa pensar o problema na linguagem em Platão, recontextualizando o conceito de simulacro, particularmente, *n'A República*. Em seguida, analisa resumidamente algumas das repercussões da herança platônica no debate interessado na crítica política e cultural contemporânea, introduzindo como alternativa a densa e criativa Filosofia da Diferença praticada especialmente por Gilles Deleuze e sua proposta de **reversão do platonismo**.

1 INTRODUÇÃO

“(…)

-Não me forces, portanto, a mostrar-te perfeitamente realizado na prática tudo quanto descrevemos em palavras. Mas, se formos capazes de encontrar maneira de fundar uma cidade o mais aproximado que é possível da nossa descrição, proclama que descobrimos como é possível que as tuas normas se concretizem. Ou não te contentas, se o conseguires? Eu, por mim, contentava-me.

- Eu também.”

(PLATÃO - A REPÚBLICA, 473b)

Qual é o estatuto da linguagem no pensamento de Platão? Que conceito de simulacro é construído, particularmente n'A REPÚBLICA? De que forma - equivocados, pertinentes, ou simplesmente não-platônicos - e visando diretamente a algumas questões, o termo vem sendo usado contemporaneamente?

Essas questões foram movidas por um duplo espanto: o da profunda consciência da linguagem que tinha o pensador grego, e o da impressionante atualidade de suas formulações, sintetizadas no que chamo de *aguda percepção do caráter abissal da linguagem e da impossibilidade de sua transparência*.

* Professor Adjunto do Mestrado em Ciências Sociais e Mestrado em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, João Pessoa

Um exemplo de quão contemporânea são suas reflexões: há um termo no ar com uma suposta e espantosa capacidade de explicar muitas das complexidades da cultura contemporânea; seria sua mais precisa definição, sua característica nuclear: viveríamos, segundo muitos, sob o signo do simulacro, reino por excelência do virtual, do hiper-real, circunscrevendo um comum sentimento da irrealidade cotidiana em tempos de utopias e atopias perdidas.

Independente dos múltiplos usos, dos diferentes pensadores e de suas variadas conotações, o termo (modismo incluído) vem se impondo, não sem uma certa pertinência, creio, ainda que na veloz esteira da troca periódica de chaves explicativas para os problemas culturais e políticos da atualidade.

Diante dos espantos, optei por um saudável (penso eu) contraponto - para, por contraste, tentar compreender melhor o que ora se debate, isto é, ir direto a uma das fontes primeiras de onde este e outros termos se originam, e se exercitam com forte carga conceitual: a teoria da linguagem em Platão.

Julguei então oportuno mergulhar minimamente lá onde a linguagem recebe uma dignidade reflexiva, ansiando por um exercício de compreensão de uma das mais poderosas matrizes, de que somos todos herdeiros.

Por ora o propósito é, ainda timidamente, somente aproximar-se do problema da linguagem em Platão - referência fundamental para, de volta do pequeno mergulho, avaliar com mais prudência (e menos ignorância) inclusive os usos e abusos de um certo platonismo que hoje se quer combater.

É preciso alertar para o fato de que o recorte aqui feito, concernido à reflexão sobre a linguagem, peca por cortes bruscos, eclipando o contexto dos diálogos - os grandecedores, maravilhosos e imprescindíveis Diálogos de Platão...

Uma seleção que, inevitavelmente, opera certa violência aos textos e ao Autor, correrá certamente o risco de obnubilar não só as relações da linguagem com os demais tópicos dos quais participa como o risco de, centrando-se no tema da linguagem, não ver o movimento dela própria, os fluxos que instaura e as dramatizações que engendra - perdendo outro aspecto essencial em Platão referente à linguagem, como seu estilo e sua textura interna.

Como qualquer seleção, resulta em peso que retira o movimento, a delicadeza e as nuances de um pensamento, tal consciência não pode nem deve findar em adiamento ou imobilidade. Que valha então a tentativa e o risco.

2 ORALIDADE E ESCRITA

Começemos pelo consensual. Na Introdução da edição portuguesa d'A REPUBLICA, lê-se: "a forma de diálogo, em si, não é, como se sabe, novidade platônica, pois outros discípulos de Sócrates o usaram. Mas só Platão elevou o diálogo filosófico a gênero literário."(p. VI).

Giorgio Colli, distinguindo a idade dos "sábios" (a época de Heráclito, Parmênides e Empêdocles, entre outros), também confirma que "Platão inventou o diálogo como literatura", entendendo-se como tal, um "tipo particular de dialética escrita, de retórica escrita, que, num quadro narrativo, apresenta a um público indiferenciado os conteúdos de discussões imaginárias" contraposta à anterior oralidade dominante (COLLI, 1988, p. 92).

Seu ensaio, aliás, identifica o nascimento da filosofia no instante mesmo da gênese da forma literária "que Platão teria inventado na tentativa de retomar os liames com uma antiga sabedoria então considerada perdida." Sintomático, pois, que seu último capítulo intitule-se "Filosofia como Literatura" abandonando-a "no exato momento em que a filosofia nasce" (COLLI, 1988, p. 98).

Aliás, diz ele, "e assim até nossos dias, a tal ponto que hoje, quando se procura a origem da filosofia, é extremamente difícil imaginar as condições pré-literárias do pensamento, válidas numa esfera de comunicação apenas oral, condições estas que, justamente, induziram-nos a distinguir uma idade da sabedoria como origem da filosofia (COLLI, 1988, p. 92).

Vale transcrever a síntese de Colli (1988, grifo nosso):

[...] referindo-se exatamente ao valor da escrita, existem duas passagens fundamentais em **Platão**; cuja importância é decisiva para os fins de uma interpretação geral de seu pensamento e de sua posição na cultura grega. A primeira passagem é o mito narrado no *Fedro* sobre a invenção da escrita pelo deus egípcio Theuth, e a doação que dela Theuth faz ao faraó Thamus, destinando-a aos homens. Theuth exalta as virtudes de sua invenção, mas o faraó contesta que a escrita é, de fato, um instrumento de memorização, mas puramente extrínseco, e que mesmo em relação à memória, entendida como capacidade interna, a escrita será prejudicial. Quanto à sabedoria, a escrita proporcionará a aparente, não mais a verdadeira. **Platão comenta o mito, acusando de ingenuidade quem pensar transmitir por escrito um conhecimento e uma arte, quase como se os caracteres da escrita tivessem a capacidade de produzir algo sólido.**

Percebe-se, aqui, a desconfiança de Platão em relação ao poder da linguagem escrita, algo fluída, "líquida", desmanchável, insinuando tanto seu apagamento, sua inclinação, por paradoxal ao esquecimento, sua volubilidade e seu inato caráter de incerteza, percepção algo desiludida da linguagem, quanto sua consciência dos limites da palavra - sempre aquém, incapaz de **revelar** a essência, pequeno ente imperfeito, sempre **à procura de**, mas jamais adâmica e sempre inacessível à Idéia.

Voltemos a Colli (1988):

"Pode-se acreditar que os textos sejam animados pelo pensamento: mas se alguém lhes dirige a palavra para esclarecer seu significado, eles exprimirão sempre uma só coisa, sempre a mesma" (Aqui, discordo de Colli que, por considerar esta transformação da filosofia em gênero literário "produto de uma época de decadência" enaltece com entusiasmo a era pré-platônica da oralidade (ou a era dos sábios) de modo que o trecho vale aqui para contextualizar a mudança histórica e indicar o espírito que anima todo o livro).

A segunda passagem", prossegue, "encontra-se na *Sétima carta*. Falando de sua vida e das experiências dolorosas vividas na corte do tirano de Siracusa, Platão conta que Dionísio II pretendia divulgar num texto seu a suposta doutrina secreta platônica. Baseado nesse episódio, Platão nega à escrita, em linhas gerais, a possibilidade de exprimir um pensamento sério, e diz literalmente 'nenhum homem de siso ousará confiar seus pensamentos filosóficos aos discursos e além do mais a discursos imóveis, como é o caso dos escritos com letras' (COLLI, 1988, p. 94).

A inclinação de Colli (1988, p.95) clarifica-se linhas depois, quando diz:

Tal é, pelo menos o juízo que Platão antecipou a respeito dela [a escrita], visto que toda a filosofia posterior será algo escrito. Para nossa presente finalidade restam ainda, em todo caso, duas coisas a observar: antes de mais nada, uma interpretação geral de Platão não pode prescindir do que foi dito e, em segundo lugar, a era dos sábios deve ser contraposta à era dos filósofos, e de alguma maneira merece ser colocada acima desta.

Para ele,

Sócrates é ainda um sábio por sua vida, por sua postura diante do conhecimento. O fato de nada ter deixado escrito não é excepcional, consoante com o caráter estranho e anômalo de sua pessoa, como tradicionalmente se pensa - pelo contrário, é justamente o que se pode esperar de um sábio grego (COLLI, 1988, p. 96).

E aí encontramos o Platão escritor, na avaliação de Colli (1988, grifo nosso):

Platão, por seu lado, é dominado pelo demônio literário, ligado ao filão retórico, e por uma disposição artística que se sobrepõe ao ideal do sábio. Ele critica a escrita, critica a arte, mas seu instinto mais forte foi o do literato, do dramaturgo. A tradição dialética lhe oferece simplesmente o material a plasmar. E tampouco devemos esquecer suas ambições políticas, coisa que os sábios não conheceram. Da mistura desses dons e instintos surge a nova criatura, a filosofia. O instinto dramático de Platão o faz atravessar, como as personagens com que esporadicamente se identifica, muitas intuições totais, exclusivas, às vezes até antitéticas entre si, da vida, do mundo, do comportamento do homem.

A 'filosofia' surge de uma disposição retórica associada a um treinamento dialético, de um estímulo agonístico incerto quanto ao rumo a se tomar, da primeira manifestação de uma ruptura interior no homem de pensamento, no qual se insinua a veleidosa ambição pela potência mundana, e finalmente de **um talento artístico de alto nível, que se liberta desviando-se tumultuoso e arrogante para a invenção de um novo gênero literário.**

De modo que para Colli (1988)

o que ainda hoje se chama 'filosofia' deriva do que Platão, e não Sócrates, nomeou como tal". Sócrates que "distanciou-se demais da origem [...] chegou até a trair a essencial oralidade da retórica, dela fazendo uma pura obra escrita.

E assim vai concluindo o autor de O Nascimento da Filosofia:

a superioridade de Platão consiste em ter absorvido em sua própria criação o filão dialético, a tendência teorética, um dos aspectos mais originais da cultura grega." E "assim nasce a filosofia, criatura demasiado compósita e mediada para encerrar em si novas possibilidades de vida ascendente. E a emotividade, ao mesmo tempo dialética e retórica, que ainda vibra em Platão, está destinada a ressecar-se num curto espaço de tempo, a sedimentar-se e cristalizar-se no espírito sistemático (COLLI, 1988, p. 97- 98).

Vimos que há um primado da oralidade sobre a escrita. (Cf. também Fedro e Carta Sétima)

Reflexão sobre o lugar do filósofo na estrutura do poder, a Carta Sétima narra os dilemas de Platão no trato com o tirano Dionísio, para quem o filósofo só tem compromisso com o papel (que tudo aceita) enquanto o governante escreve sobre a pele das pessoas.

Para Platão a palavra escrita, inerte, precisa do pai para defendê-la, diferentemente da oralidade. A lei escrita sendo um sintoma de enfraquecimento, implicando perda da imediatez e da retidão.

3 O SIMULACRO

Em torno do debate injustiça/justiça n'A REPÚBLICA diz-se da honra dos pais que apregoam "a necessidade de ser justo, sem elogiarem a coisa em si, a justiça, mas o bom nome que dela advém."(em 363 a)

Assim como o Bem, a Prudência e a Coragem, a Justiça é algo a se atingir, não por nomeação, mas por reminiscência, rememoração da *essência* outrora contemplada pelos olhos.

Algumas oposições vão amarrando a reflexão: para o justo há o louvor, para o injusto o vitupério, donde a preocupação com o plano da aparência, o reino por excelência do falso:

[...] Para o homem injusto, que saiba granjear fama de justiça, a sua vida diz-se que é divinamente boa. **Portanto, 'uma vez que a aparência', como me demonstram os sábios, 'subjuga a verdade' e é senhora da felicidade, é para esse lado que devemos voltar-nos por completo.** (365 c, grifo nosso).

Fixa-se a aparência então como o reino do falso. Para vencer neste reino, "temos mestres de persuasão, para nos darem a ciência das arengas e do foro, com cujo recurso haveremos, ora de persuadir, ora de exercer violência, de tal maneira que satisfaremos as nossas ambições [...]"(365 d,e).

Temos, então, o falso ligado à retórica, esta espécie de "raposa matreira e astuciosa" que trama contra a virtude.

Estamos no contexto em que se debatem a falsa repetibilidade, a reputação enganosa, no interior do esforço para discernir a justiça verdadeira da enganadora, esta ligada à aparência e à exteriorização: "ninguém jamais censurou a injustiça ou louvou a justiça por outra razão que não fosse a reputação, honrarias, presentes, dela derivados". (366e)

E a certa altura se pede a Sócrates que demonstre pela argumentação de que maneira, para além da reputação que, fundada na aparência, tende a glorificar o falso, o *ser* da Justiça pode ser confirmado como superior, atingindo o reino do verdadeiro.

Dois problemas introduzem-se aí: em primeiro lugar a incansável prospecção a fim de definir a Verdade, o Bem e a Justiça, e o fato de que elas só se podem definir pela *linguagem*, cujo poder insinua-se situar-se aquém do Ser, embora além do Falso: "[...] não tenho maneira de defender a justiça", dirá Sócrates, "e por outro lado, não posso deixar de a defender".

É como se toda defesa, por melhores, justos e demonstrativos sejam os argumentos, encerrasse uma incompletude, uma irreversível falta, esbarrando no limite que é exatamente o plano do verbal.

Qualquer abordagem rumo às essências platônicas reforça sempre a percepção *do caráter problemático da linguagem em Platão*, isto é, a consciência de seu inacabamento, aquém e impotente para nomear as Idéias - um pensamento que é mais contemplação do que nomeação: como a vidência da Luz, e do Sol, a que se acede pelos olhos e não pela fala ou pela escrita.

A metáfora clássica da cama permanece exemplar para - distinção entre o plano das Idéias e o plano do mundo sensível. O deus cria o modelo inicial: único, eterno, perfeito, ideal. O marceneiro constrói a cama, segundo o modelo, conhecedor que é dos materiais e técnicas necessários à execução do artefato: a primeira cópia. Já o pintor, independente do conhecimento artesanal, inventará uma cama, produzindo uma cópia da cópia, num terceiro patamar.

A linguagem propriamente tenciona-se visitando o segundo (a cópia) e o terceiro plano (o simulacro). No segundo, ainda se tem conhecimento (logos) no sentido didático, funcional pedagógico. No terceiro, farfalha barulhenta a opinião (doxa) e o caótico e conflitante reino das paixões, das aparências, do fenomênico, fugaz, passageiro. Aqui nada

se agarra, se prende; espaço, lugar e tempo das conjecturas, do que é acessível à sensação, gerando-se e perecendo, sempre se dissolvendo, se desmanchando: nada nunca efetivamente é.

No cerne da questão que tentamos esboçar, o problema fundamental e perene em Platão é o do limite da linguagem. E a complicação do problema, ressaltada por Maria Sílvia Carvalho Franco, é o de que a linguagem já é cópia descrevendo uma cópia que é o universo. E a imperfeição da linguagem tende sempre a crescer à medida que se vai afastando do modelo. (*) (Ver Bibliografia).

Tais conceitos inscrevem-se e participam de um campo de pensamento sustentado por oposições girando em torno do original e da imagem, do modelo e da cópia, onde o modelo tem uma identidade originária superior, que se previne, por assim dizer, dos contrários, pois só a Idéia não é outra coisa a não ser aquilo que ela é: só a Justiça é justa e a Coragem, corajosa.

As cópias ainda são relativamente salvas, guardam porções de semelhança com o modelo, são boas imagens ainda. Já o simulacro é uma espécie de mau ícone, afastado demais do original e pleno ele mesmo do caos que flui no mundo sensível e em luta.

O pintor será, pois, o imitador daquilo que já é aparência, girando no fantasmático, exercitando a arte de imitar que "está bem longe da verdade", visando a dimensões do sensível que não passam de uma aparição. (598 c). Daí ser nociva à formação de bons cidadãos, pois opera com o logro que não pode ser exemplar das virtudes:

[...] Por exemplo, dizemos que o pintor nos pintará um sapateiro, um carpinteiro, e os demais artífices, sem nada conhecer dos respectivos ofícios Mas nem por isso deixará de ludibriar as crianças e os homens ignorantes, se for bom pintor, desenhando um carpinteiro e mostrando-o de longe com a semelhança, que lhe imprimiu, de um autêntico carpinteiro. (598 c).

A linguagem toca a incompletude, a imperfeição e o engano mais extremo quando, afastada "três pontos" do real, cria obras de um modo tal que "é fácil executá-las mesmo sem conhecer a verdade, porquanto são *fantasmas* e não seres reais o que eles representam [...]"(599 a, grifo meu).

Extrema desconfiança para com a linguagem explica-se pelo plano em que ela se exerce. A cópia resiste ou pode resistir enquanto um discurso possível sobre o Ser, pois que estes discursos são pertinentes, aspiram à semelhança com a identidade do Ser, operando com um pensamento capaz de chegar-se formando um constructo, conhecimento partilhável e virtuosamente passível de ser partilhado. Tais relatos são firmes, estáveis, discerníveis pelo pensamento; conseguem uma certa estabilidade, encorpando-se como algo de minimamente irrefutáveis, tal qual (esta a analogia fundamental) é o Ser - mas tão somente à medida que isto é *possível pela linguagem*.

No mundo efetivo, só a fábula é plausível e crível, pois sendo um discurso possível sobre as coisas, é tão perecível quanto elas, não resistindo ao confronto com o modelo. Mutável por definição, pertence ao reino da crença, do falso, da *doxa* enfim, vulnerável aos fantasmas que se agitam em turbulência aquém do plano do Bem.

Ponto fundamental do escopo platônico, a convicção de que a linguagem é apenas aproximativa ao Ser, reverberará, por exemplo, na questão tratada no Timeu: como, então, é possível o relato sobre a criação do mundo? Aí outro campo se abre, no sentido de uma analogia fecunda e pouco percebida (segundo Maria Sílvia Carvalho Franco) sintetizada na fórmula: a linguagem é tão precisa quanto possível, assim como o mundo é tão perfeito quanto possível, pois este vive em perene instabilidade à procura, como a linguagem, de inteireza completude, transparência e perfectibilidade.

O que me parece notável é a atualidade desta percepção em relação ao ser da linguagem. Se se pudesse falar em capacidade de antecipação - espalhada por toda obra, ou mais concentrada, como

no Fedro e n'A República - de um tema que vem ocupando filósofos da linguagem e lingüistas, diria que a leitura de autores modernos dá por vezes a sensação de ser apenas uma retomada, noutra contexto, e contemporânea de outros problemas, daquilo que desde sempre esteve em Platão.

Especificamente a noção de simulacro e de fantasma, usada por alguns para definir a própria essência da modernidade, e por outros como o grande tema contemporâneo, o leitor surpreende-se prazerosamente, reencontrando o mesmo campo de problemas já formulado e fecundando na República.

Pois como não se impactar diante do frescor, da atualidade e da urgência destas questões (ainda mais porque inextricavelmente atadas à Ética) formuladas por Platão? (Inclui-se no campo desta perceptível atualidade, ressonâncias no campo também da Teoria Literária, cuja relativa desatenção para com os recursos propriamente literários de Platão confirmam-se a cada releitura).

Para Platão, a palavra é uma imagem (eikon) o que trará implicações de ordem estilística, retórica e dialética, em todo o conjunto de sua obra. Lateja, por exemplo, uma teoria do erro, pois as palavras são ilusórias, não tem estabilidade. O mundo efetivo é o lugar da ilusão. O falso oposto ao simples verdadeiro. Palavras com *dynamis* própria, participantes que são de trama de relações físicas, assim como os remédios estão para as plantas, o mau para a doença, os Sofistas para a Verdade. O que nos levará adiante a tratar do tema da Ética, depois de circunscrever, simplificar, a trama que ata a linguagem a uma teoria do olhar em Platão.

5 A VISAO

No trilho da dialética ascendente praticada por Platão esgueira-se uma certa teoria do olhar, uma óptica, que permitirá a analogia entre o olhar com vista fraca as coisas pequenas e perceber que há escalas, e as coisas maiores que podem ser vislumbradas se a vista não falhar, assim como - indo também do particular ao universal - a idéia de justiça não será jamais um bem somente individual mas participa e é condição constitutiva da formação do bom cidadão da Pólis.

O início d'A REPÚBLICA já instaura a analogia da verdade, da justiça e do processo do conhecimento como caminho que irá da fala, passa pela escrita e culmina no olhar.

Ontologia do Ser, pedagogia e didatismo se entrelaçam, pois a educação pressuporá a idéia de que "quem é novo não é capaz de distinguir o que é alegórico do que o não é". E a desconfiança em torno da linguagem terá um sentido ético, assim como haverá também uma conotação ética dos gêneros musicais entre os Gregos: "[...] nunca se abalam os gêneros musicais sem abalar as mais altas leis da cidade [...]"

Parece correto afirmar que o esboço de uma teoria da linguagem em Platão (que procuramos) partilha, necessariamente, do debate Heráclito - Parmênides que Platão herda, qual seja, distinguir o que sempre é e não tem devir, daquilo que sempre está em devir e nunca é.

Desenvolvida também no Timeu, no Teeteto no Fedro, qualquer reflexão sobre a linguagem em, Platão, encontra-se organicamente imbricada com uma reflexão sobre o olhar. No caso do artista, o que pinta o leito, por exemplo, a Idéia é algo por ele contemplada, enquanto modelo. Como diz Maria Sílvia Carvalho Franco, "ele olha para o modelo mas produz no mundo fenomênico". Noutras palavras, quando o artista mantém o seu olhar fixo naquilo que é sempre idêntico a si mesmo, e usando algum modelo deste, ao fazer a forma e a qualidade de algo, ele necessariamente o realiza, o cumpre.

Como em Platão, o todo é *produzido* e a forma é uma espécie de poder (*dynamis*) que a coisa carrega nela, há sempre uma pulsação entre os elementos, já que no fenomênico não existe, por exemplo, o quente ou o frio. E aí o olhar será justamente o entrecruzamento destes poderes que geram o fenômeno.

De modo que se o cosmos é belo e se o artista é bom, fixou seu olhar no eterno. Caso contrário fixou seu olhar no que devém.

Participa como elo ligante nesta trama o belo conceito de *phylia*, elemento conjugativo das partes e pelo qual o olho se insinua, como filtro a destilar mansa luminosidade, espécie de movimento erótico das forças da natureza que convertem o fogo violento em suave equilíbrio, ainda que instável. (Guardamos aqui, por questão de economia metodológica, somente a dimensão sensível da *phylia*, elipsando seu caráter de força unificadora das relações sociais).

Também no Timeu vê-se como para a constituição das imagens o discurso é inseguro, difícil de se mostrar por palavras, sem a clareza possível quando se trata das obras divinas feitas com inteligência. Entre a inteligência e a necessidade existe um campo intermediário sobre o qual é penoso falar, porque a mutabilidade do sensível tenuemente se ajusta à constância da linguagem que é também repouso, fixidez: como empregar palavras seguras ao falar do ar, da água, se cada uma destas forças não permanece a mesma em aparência?

Reencontramos o simulacro, agora com mais um atributo: além de ser aparência ele é perene mobilidade, por oposição a essência que sendo parte do Ser é eterna e imutável.

Platão dirá então que a palavra nunca vai chegar a resolver este problema. E só podemos nos instalar na linguagem para falar do e no fenomênico, elaborando *mythos* e falas apenas verossímeis.

No entanto, para além dos fantasmas do sensível há um ponto retilíneo do olhar onde se vê sem estas deformações do mundo sensível. O visível precede, e é alcançável no movimento ascensional por rememoração, lembrança originária, primordial, e cuja fonte da reminiscência é algum dia ter contemplado as Idéias. Não parece ser o olhar ilusório mergulhado no fenomênico, mas um único e memorativo Olhar que alguma vez viu e agora recorda.

Assim, para Platão no reino da *doxa* tudo se julga e se vê às avessas. Situados só no sensível, a profusão de imagens que invadem nossos sentidos vêm invertida, de modo que abrindo por dentro aquilo que se vê, irrompe o seu *real*, o interior perfeito, e em estado de retidão.

Se é correto falar-se em anterioridade parece que a teoria do olhar precede a da linguagem, pois se a palavra é antes imagem, seus movimentos, suas ilusões provém da confusão das miragens que entre sombras, reflexos, águas, desenhos, estátuas, procuram a claridade límpida - donde o olhar provavelmente constituir-se como parte da gênese da filosofia platônica.

Como as cores constituirão a superfície dos corpos sensíveis, e a mistura das cores trará a claridade e a nitidez, a palavra está inscrita numa massa de mundo sensível e que também pela luz alcançará a claridade: amálgama da teoria do olhar e da linguagem que, por sua vez, ricocheteará numa física.

O critério-chave continuando a ser a educação, a palavra será superior à pintura e à escultura (pois as imagens só vivem no mundo ilusório) e a palavra com todas as suas imperfeições visa ao pensamento que será sempre capaz de correção. Por isso, também o discurso será figurativo, ganhará cores, terá esquemas e contornos.

E entendemos, no percurso, um pouco melhor porque Sócrates oporá a palavra viva, falada, potente no ataque e na defesa, capaz de expressão e de reserva, enquanto a defectibilidade da escrita proverá justamente de sua fixidez, de sua inércia - ainda que para Sócrates não se transformar em mais um sofista seja necessário represar esta fluidez, ordenando e detendo esta matéria móvel por excelência.

O olhar é, pois, uma *vidência sem mediação*. O discurso não flui conforme a ordem da natureza, ele surge invertido como as imagens, que são *gravadas* na alma daquele que sabe.

Percebe-se, então, porque a razão os diálogos sobre as virtudes são, nó mais das vezes, aporéticos: a linguagem é uma *mimesis*, com tudo o que carrega de distorção E mais: ela depende do olhar. Se o olhar for retilíneo o movimento em direção à alma pode se enunciar, a *doxa* aí como que se endireitando, anamorfose transmutada em retidão. E o discurso será o *eikon* no saber que se fixa na alma daquele que sabe.

As palavras têm poder (*dynamis*), uma força física para agir sobre as almas. E tanto a retórica quanto o logos agirão por este elemento vivo e que opera incidindo na alma, no corpo, na fala, no olhar.

6 UMA ÉTICA DA LINGUAGEM

A atitude, o desejo, a vocação para uma poderosa delimitação ética da linguagem são indissociáveis das reflexões inerentes à complementariedade entre os planos da fala, da palavra e do olhar em Platão.

A preocupação começa com a infância, pois nela

[...] a doutrina que aprendeu em tal idade costuma ser indelével e inalterável. Por causa disto, talvez, é que devemos procurar acima de tudo que as primeiras histórias que ouvirem sejam compostas com a maior nobreza possível, orientadas no sentido da virtude. (378 d,e)

Entre a eloquência ("é impostura tudo quanto nos ilude" - 413 c) e o Bem que, por definição é Ético ("não há nada do poeta mentiroso em Deus" - 382 c; "é impossível que o mal venha dos deuses"- 391 e), A REPÚBLICA procurará a distinção entre a boa e a má persuasão ("a música deve acabar no amor do belo"- 403 c).

Diferentemente do Sofista, do Fedro, e do Górgias, os elementos de persuasão, argumentação e convicção que sempre envolvem jogos de sedução não serão tematizados como problema eles mesmos. A responsabilidade pelo desejado virtuosismo dos cidadãos parece decorrer mais do êxito no bom persuadir do que dos caracteres e atributos conflitantes nas almas tripartidas: "[...] chamar-se-ia verdadeira mentira à ignorância que existe na alma da pessoa enganada. Uma vez que a que consiste em palavras é uma imitação que surge posteriormente [...]" (382 c).

As prescrições éticas são claras. Censura-se Hesíodo e Homero como autores de "fábulas falsas", repletas de "mentira sem nobreza", não recomendáveis porque destas leituras poderá se forjar o oposto do bom cidadão, "este homem de quem afirmamos que se funda nas aparências, e não sabe" (476 e). Privilegia-se um tipo de narração que "imita o homem de bem" (397 d) e taticamente a "nobre mentira, daquelas que se forjam por necessidade" (414 c), necessidade pedagógica a fim de persuadir para a virtude e o Bem guardiães, soldados e o resto da cidade.

Recontra-se a noção de um poder da palavra: espécie de *dynamis* do logos, porém sem parâmetro fixo, pois o mesmo homem pode ser o mais potente tanto para dizer a verdade como para mentir. Dependerá sempre das forças atuando em jogo. De qualquer modo, para além dos embates das paixões, a educação pode chegar a estágios de conhecimentos estáveis. Conseguindo uma certa unidade na dispersão do sensível, a linguagem (a da cópia, e a dos simulacros só que agora ajuizados pelo critério do Bem) deixará de ser endemoniada para alinhar-se, com a música e a ginástica, na paidéia visando à formação do bom cidadão

O filósofo é aquele que mais perto poderia aceder a este lugar, aquém do Ser mas além do Falso, para conhecer e dar a conhecer; então, por meio de preceitos éticos e critérios pedagógicos se compreenderá por que é conveniente aceitar uma fábula plausível – dada à irreversível impossibilidade da linguagem alçar ao plano das Idéias e só e unicamente pelos olhos-lembrança capaz de ir até o Belo e o Bem.

Uma reflexão absolutamente atual sobre o poder e o limite da linguagem, presente na retomada moderna que, retirando a camada "platonizante", aprofundará a desconfiança e a percepção do abismo da linguagem, agora reagrupada em torno de novos conceitos, como (entre

outros) intersubjetividade, negação do primado da identidade, e imersão no inconsciente como lugar operador da palavra expressiva.

7 INCONCLUSÃO INTEMPESTIVA

Contemporaneamente, simulacro - quando não é conceito construído sob um determinado plano de imanência - é um termo que tem, como diz Luiz Orlandi (1990, p.4), "sua aura lexical impregnada de imagens, representações, semelhanças, aparências, falsas aparências etc...". Dai, talvez, seu uso pouco criterioso. Basta ver o atual debate que situa como problema crucial da modernidade, e em "frentes" opostas, de um lado, a oscilação desigual entre a absorção coletiva via "simulacro", (dos encantados com o inconformismo totalizante de Habermas) e de outro, a nietzscheana reasunção da singularidade disruptiva via aparição do intempestivo na cultura.

Lembremos que a noção platônica de simulacro, habitante de um terceiro plano (o pintor olhando a cópia da cama - jamais sua Idéia), pela hierarquização valorativa e pedagógica da linguagem como formadora do bom cidadão, instaurará o conflito filosofia-poesia. Mas, aqui, também é preciso cuidado: aliada ao zelo, como vimos, por toda linguagem pedagogicamente útil, no texto de Platão a expulsão do poeta da polis grega do século V a.c., mais que uma recusa de toda a linguagem poética, marca, na verdade, um momento historicamente pertinente de tomada da consciência de si filosófica, como bem notou Fichte.

Releia-se o clássico trecho do Livro III d'A República:

Se chegasse à nossa cidade um homem aparentemente capaz, devido à sua arte, de tomar todas as formas e imitar todas as coisas, ansioso por se exhibir juntamente com os seus poemas, prosternávamo-nos diante dele, como de um ser sagrado, maravilhoso, encantador, mas dir-lhe-íamos que na nossa cidade não há homens dessa espécie, nem sequer é lícito que existam, e mandá-lo-íamos embora para outra cidade, depois de lhe termos derramado mirra sobre a cabeça e de o termos coroado de grinaldas. Mas, para nós, ficaríamos com um poeta e um narrador de histórias mais austero e menos aprazível, tendo em conta a sua utilidade, a fim de que ele imite para nós a fala do homem de bem e se exprima segundo aqueles modelos que de início regulamos, quando tentávamos educar os militares. (398 a)

Pois bem. Equivocado ou não como diagnóstico, assumidamente inspirado ou não em Platão, no debate atual o termo simulacro encontra apenas um eco longínquo no texto grego - assim como aconteceu com a reflexão sobre a contemplação do Belo, cuja diluição culminou num lamentável empobrecimento quando vulgarizou-se num tal de "amor platônico", pouco sustentável numa leitura atenta de qualquer texto do filósofo.

Melhor encarar de frente. Não a questão da modernidade "via simulacro" mas o problema mais de fundo, de onde talvez se anuvie a confusão, que é o da *reversão do platonismo* - quadro no qual se situa a instigante Filosofia da Diferença, praticada de forma assombrosamente criadora por Gilles Deleuze.

Para o pensador francês, o simulacro foi uma espécie de tentativa radical de Platão (que os criou!) triunfar sobre eles: os simulacros sempre se rebelam, embaralhando a solidez do fundamento - eis a perturbação que o próprio Platão percebeu.

Reanimando o problema, Deleuze quer encarar esta dificuldade: dada a rebeldia dos simulacros até então empurrados por Platão à falsidade das profundezas, e como se trata - para a Filosofia da Diferença - de destroçar o privilégio da Idéia e o plano da Representação, uma vez "rebelando-se contra a dominação representativa, que fisionomia conceitua) conquistarão os simulacros?", pergunta Luiz Orlandi (1990, p.7) acompanhando o percurso deleuziano.

Na cena da reversão dos mundos reconstruída por Deleuze temos, diz Orlandi (1990), a "fórmula do mundo dos simulacros, segundo a qual só as diferenças se parecem" e que "resumem uma leitura de mundo que aponta a própria identidade como produto de uma disparidade de fundo. Assim, os simulacros estariam lá no fundo cavernoso."

Em síntese, a estratégia de reversão do platonismo é, para Luiz Orlandi (1990), esse fundo movente, anárquico:

rigorosamente falando, esse fundo é uma multiplicidade-fundo correspondendo a um conceito especial, o de '**a-fundamento**' (éffondement), conceito de uma 'relação do sem-fundo com o não-fundado', conceito ligado ao barroquismo dos desdobramentos, à descoberta de um fundo atrás de qualquer outro fundo.

Quer dizer: "ao serem lançados para as profundezas, os simulacros corroeram o fundamento: o mundo do fundamento é minado por aquilo que ele tenta excluir, pelo simulacro que o aspira e o esmigalha' ". (As citações e o grifo são extraídos de Différence et répétition, respectivamente pgs 92 e 352 do original e 122 e 432 da tradução brasileira).

Minar o fundamento, desnudando simultaneamente o "golpe" de Platão, e pensar no interior de outros planos que não estejam subsumidos nem às Idéias nem ao plano da Representação - como neste modelo que tentamos vasculhar.

Somos mais platônicos do que imaginamos. Devemos mais a ele do que provavelmente nos damos conta. E por isto, temos enormes dificuldades em pensar com uma linguagem que, rasgando o tecido inconsútil, nos faça ver, compreender e mergulhar (aqui sim o *intempestivo* de Nietzsche) nas moléculas saltitantes entremeadas de *diferenças*, e só assim, escapar à mesmice, para tentar inventar novos devires.

ON THE THRESHOLD OF BEING, BEYOND DECEIPT (CONCERNING THE PROBLEM OF LANGUAGE IN PLATO)

Abstract

This article which begins by tracing the socratic opposition between orality and the written word, passing through the distance which runs from the wise man to the philosopher-writer concerned with the problems of the polis, demarcating the reflection on the act of seeing, and especially the ethical role of language for the formation of the Creek cili:en, aims to reflect on the problem of language in Plato, recontextualizing the concept of imitation, particularly in The Republic. It the analyses briefly some of the repercussions of the platonic inheritance on the debate concerning the contemporary political and cultural critique, introducing as an alternative the dense and creative Philosophy of Difference practised especially by Gilles Deleuze and his proposal for the reversion of platonism

NOTA

Algumas observações deste texto devem-se à notações e à memória da atmosfera do curso de "História da Filosofia I" ministrada pela Prof. Maria Sílvia de Carvalho Franco, no Programa de Doutorado em Filosofia na UNICAMP, primeiro semestre de 1993. Mas devemos poupá-la: as possíveis imperfeições são de minha inteira responsabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLI, Giorgio. **O nascimento da filosofia** (Tradução Frederico Carotti). Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. (Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal, 1988.

ORLANDI, Luiz. Simulacro na Filosofia de Deleuze. In: **Primeira Versão**. Campinas: IFCH-UNICAMP, n. 4, 1990.

PLATÃO. **A República**. 6. ed. (Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1990.

_____. **Timeu**. (Tradução de L. Robin e M. J. Moreau). Paris: Gallimard, 1977

_____. **Teeteto ou da Ciência**. (Tradução de Maria Luiza M. S. Coroa). Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.